

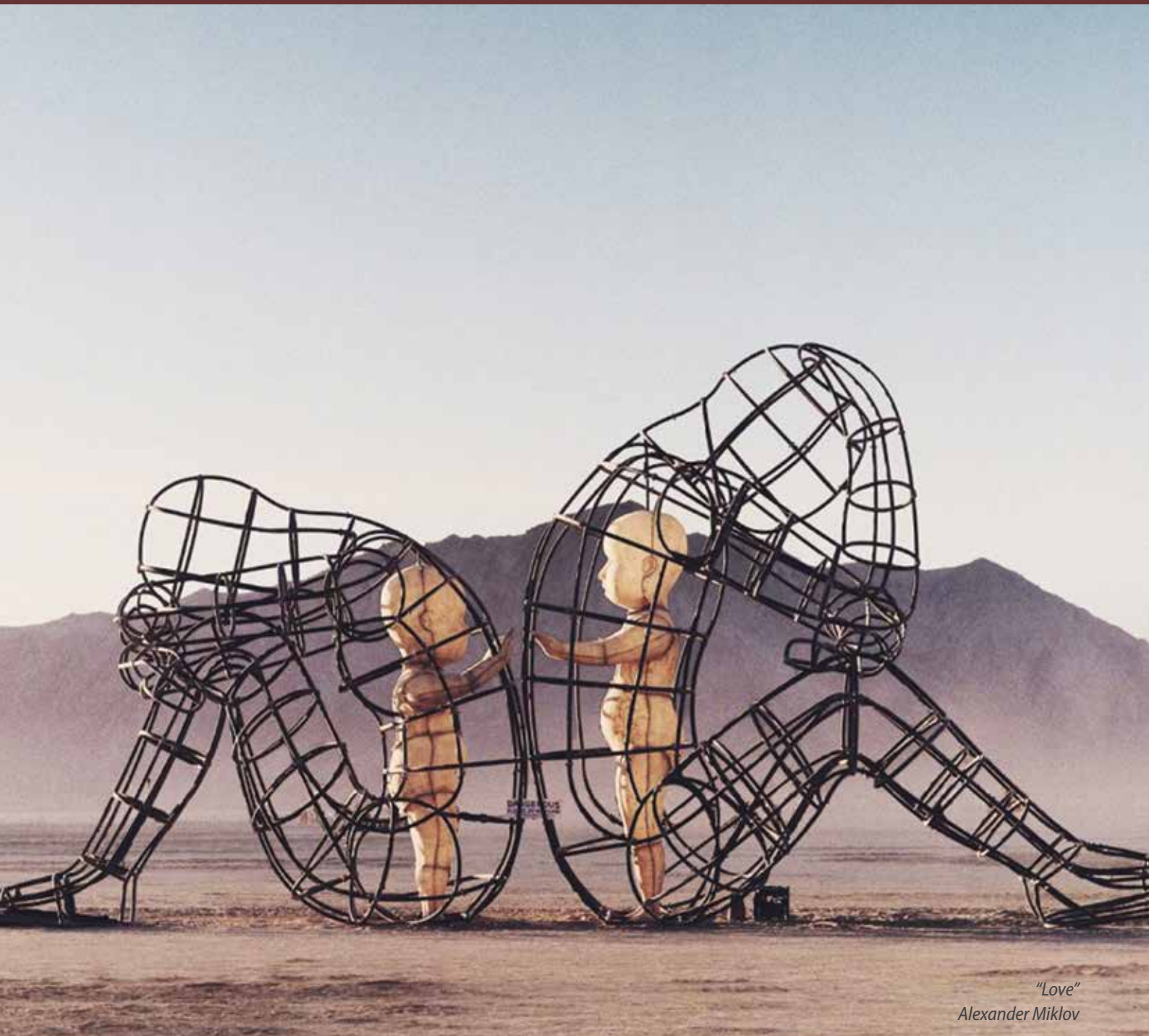


Instituto de  
Terapias Integradas  
de Porto Alegre

Ensino, Pesquisa e Atendimento em Saúde Mental

# REVISTA

ITIPOA | 2ª EDIÇÃO | 2016



*"Love"*  
Alexander Miklov

## NESTA EDIÇÃO:

ENSAIOS SOBRE AS DIVERSAS FACES DO AMOR  
*CULTURA E PSICANÁLISE*

## DIRETORIA

Presidência

**Ivanosca Martini**

Vice-Presidência

**Beatriz Chwartzmann**

Direção de Ensino

**Mery Pomeranblum Wolff**

Direção

Administrativo-Financeira

**Célia Stadnik**

Direção de Ambulatório

**Ana Cláudia Moraes**

Direção de Pesquisa  
e Produção Científica

**Giovanna M. dos Santos**

Coordenação Científica

**Ângela Fleck Wirth**

Curso de Especialização de  
Orientação Psicanalítica Adultos

**Mery Pomeranblum Wolff**

Curso de  
Especialização de Orientação  
Psicanalítica da Infância

**Aline Santos e Silva**

Curso de  
Especialização de Orientação  
Psicanalítica da Adolescência

**Maria de Fátima Freitas**

Curso de Especialização em  
Teoria e Técnica de Intervenção  
na Relação Pais-Bebê

**Paula Sarmento Leite**

Cursos Breves

**Kátia Hoffmann de Abreu**

Estágio de Psicologia Clínica

**Cristina Saboya**

Estágio de Psicopatologia

**Mara Buchon Brum**

Revista

**Beatriz Regina Neves**

Divulgação

**Marli Bergel**

Membro Honorário

**Dr. Bernardo Brunstein  
(in memorian)**



## PALAVRAS DA PRESIDENTE

*Psican. Ivanosca Ines Martini,*  
Presidente do ITIPOA

O tema escolhido para esta segunda edição da Revista do ITIPOA, o *Amor*, vem dar continuidade ao tema da primeira edição *O Ambiente como espaço de construção*. Escolha que, feita pela comissão científica, logo foi abraçada por toda a Instituição que a acolheu como num berço a embalar as diferentes formas e expressões do amor. Os artigos da revista irão apresentá-lo nas suas sucessivas etapas do desenvolvimento.

Em nossa Jornada Anual, que acontecerá em setembro, através de diferentes interlocuções, a temática do amor será então aprofundada.

Neste ano em que encerro minhas atividades como presidente do ITIPOA, ter por tema o amor foi um presente de despedida, para todos nós que viemos trabalhando neste espaço de construção da instituição. Amor é ligação, é ter o outro como interlocutor, é estar junto, é aposta pulsional.

O trabalho laborioso de todos nós de semear o sonho de construir um espaço de formação de psicoterapeutas de orientação psicanalítica, que contemple junto à transmissão da teoria e da técnica psicanalítica, a pessoa do terapeuta, é hoje uma realidade em nossa instituição. No espaço entre a teoria e a subjetividade, ludicamente se perfilam atividades em torno da história, das artes, da literatura e do cinema, bem como de trabalhos de interlocução com o social, oportunizando aprendizado teórico e a expansão de nossa subjetividade.

Agradeço aos colegas, professores, alunos, ex-alunos, estagiários e funcionárias, por em algum momento desta trajetória, terem se juntado a nós e sonhado juntos este sonho, transformando-o em realidade.

Para os que vêm nos substituir na condução desta casa, continuem sonhando e acreditando que o amor é este fio invisível, ao mesmo tempo resistente como aço, quando necessário, e suave como a seda, quando assim é o esperado. Foi com este fio que tecemos, a cada dia, a construção deste espaço de formação de psicoterapeutas de orientação psicanalítica.

Uma boa leitura!



O ITIPOA oferece Cursos de Especialização em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica que englobam todas as fases do desenvolvimento.





# EDITORIAL

Psic. Beatriz Regina Neves  
Docente do ITIPOA – Coord. da Revista



É com grande prazer que apresentamos a segunda edição da Revista ITIPOA. Nossa revista reflete o crescimento de nossa instituição e o engajamento da equipe em pensar e discutir temas pertinentes à psicanálise atual e nosso fazer clínico. Assim, utilizamos como linha mestra deste número o tema de nossa jornada: o amor. Tema intrigante e preferido dos apaixonados, é também assunto recorrente nas diferentes formas de arte, em pesquisas, nos consultórios de psicologia e psicanálise. Mas a nós interessa pensar como o amor se estabelece ao longo do desenvolvimento, seus múltiplos movimentos, como se imbrica na saúde e na patologia e se manifesta na arte. A fim de expressar isso, convidamos colegas dos diferentes núcleos e espaços de nossa instituição. Seguindo a ideia de pensar o amor ao longo do desenvolvimento, o Núcleo Pais-Bebê apresenta, através de sua coordenadora, *O Amor Confiança*. O NIA, através do grupo que o compõe, nos traz o seguinte tema: *Infância e adolescência o desenvolvimento a partir do vínculo amoroso*. Em *Falando sobre o Amor*, nossa diretora científica reflete sobre a construção do amor. Temos ainda o artigo *O Amor à Psicanálise e Seus Despropósitos* e a coluna *Cultura e Psicanálise* que, além da análise da animação *O Farol*, traz sugestões musicais, cinematográficas e literárias. Contamos ainda com uma entrevista com a coordenadora científica do ITIPOA que nos fala do tema da Jornada Anual, *Sobre o amor: sua gênese,*

*suas vicissitudes e ambiguidades*. A coluna *Aconteceu* traz o registro de algumas das atividades realizadas no último ano.

Agradecemos desde já as colegas que tão prontamente enviaram suas contribuições para a revista, fruto do trabalho de uma comissão composta por Aline Del Mauro, Ana Claudia Moraes e Flora Mota. Agradecemos ainda o trabalho dedicado e competente de Henrique Cardoni, responsável técnico de nossa revista. E como com este número encerramos a gestão 2014 - 2016, agradecemos ao ITIPOA pela oportunidade de coordenar este trabalho tão desafiador e ao mesmo tempo tão gratificante.

Para finalizar e estimular a leitura, recorreremos às palavras do grande poeta Drummond:

*Que pode uma criatura senão,  
Entre criaturas, amar?*

*Amar e esquecer, amar e malamar,  
Amar, desamar, amar?*

*Sempre, e até de olhos vidrados, amar?*

Desejamos a todos uma boa leitura!  
Editora Psic. Beatriz Regina Neves  
Editora Assistente Psic. Aline Santos e Silva

## NESTA EDIÇÃO

Palavras da Presidente .....	2
Editorial .....	3
O amor à psicanálise e seus “despropósitos” .....	4
Infância e adolescência o desenvolvimento a partir do vínculo amoroso .....	6
Sobre o amor-confiança .....	8
Falando sobre o amor .....	9
Entrevista Jornada Itipoa 2016	
Sobre o amor: sua gênese, suas vicissitudes e ambiguidades..	10
Cultura e Psicanálise.....	12
Aconteceu .....	14
Estágios.....	15





# O AMOR À PSICANÁLISE E SEUS "DESPROPÓSITOS"

Psic. Renata Lisbôa

Membro do Núcleo de Graduados do ITIPOA

Assim como na poesia, o amor pode ser lido na forma fixa ou no verso livre. A preferência pela leitura no "modo de amar" do verso livre possibilita a construção, sempre necessária, de novos arranjos. Uma espécie de acordo é feita entre o ser que ama e o objeto amado e, então, um certo "estilo de amar" brota. Talvez seja verdadeiro afirmar que amar depende de um estilo, que é sempre falha, erro e incompletude. Para o poeta brasileiro Manoel de Barros, "[...] o estilo não é o homem, mas o que nele falta". Nesse caminho de reflexão, surge uma pergunta: o que é possível amar, desde o estilo que temos e do "erro" que somos? Como amamos hoje e por que deixamos em estado de esquecimento o que antes era amar e era amor? Numa dessas experiências do cotidiano, quando do trivial brota o que é importante, tive a chance de aprender que a psicanálise e a arte são os únicos lugares onde não se faz concessões. Mas, que concessões? Aquelas que nos levam a abrir mão do "erro" que somos e do "acerto" que somos, do que reside em nós de mais genuíno

enquanto humanos. O amor entra nesse lugar, ao lado da psicanálise e das artes, como expressão do gesto espontâneo, "[...] esse trafegar constante na ilusão, uma repetida procura da interação entre a criatividade e o que mundo tem a oferecer", de que nos fala Winnicott. Esse caráter genuíno da experiência, que faz pulsar o viver criativo, coloca a imaginação em cena, deixando o sujeito inventar quem ele deseja ser e encontrar o seu estilo de amar.

Na vida, assim como na sintaxe, uma pequena contração pode fazer toda a diferença. O amor e a psicanálise parecem fundamentais em tempos sombrios e de escassez simbólica, visto que as vias curtas de pensamento são cada vez mais oferecidas pelo caldo da cultura. Já o amor à psicanálise remete o leitor a pensar nas produções do inconsciente e no quanto isso encanta e apaixona, no cultivo de algo valioso, mas, que, historicamente, sofre resistências por não ceder ao seu maior "propósito": acolher e decifrar essas produções do "não-sabido", dos grandes enigmas, muitas vezes compreendidos, equivocadamente, como um "despropósito".



"Amore e Psiche",  
Antonio Canova



No poema *Exercício de ser criança*, de Manoel de Barros, o sujeito lírico lança duas perguntas:

*Será que os absurdos não são as maiores virtudes da poesia?*

*Será que os despropósitos não são mais carregados de poesia do que o bom senso?*

Sem ter a pretensão de fornecer a resposta, pois ela fecharia o assunto, a ideia consiste em criar mais poros à pergunta. Um desses poros deixa passar outra questão ao leitor: seria o amor à psicanálise um "absurdo" e um "despropósito"? Desde este ângulo, proposto pelo sujeito lírico do poema, eu penso que sim. Ao lado da poesia, e das artes como um todo, a psicanálise não pretende ser mercadoria. Ela gosta de andar na contramão, de olhar os avessos, de mexer nas bainhas e de examinar mais de perto as rugas; hospeda o que é aparentemente um "despropósito" na narrativa dos analisandos, assim como Freud corajosamente deu guarida ao discurso inicialmente "absurdo" das histéricas.

Levando em conta essa perspectiva, o desejo, os investimentos, a via longa do pensar, o tempo como elemento fundamental para as construções psíquicas e o amor parecem ser um "despropósito" em relação a um dado parâmetro de viver que vem desconsiderando aspectos decisivos, no que se refere às experiências que produzem sentido do ponto de vista simbólico e de renovação do psiquismo. Inevitavelmente, conforme aponta Barros, sobre o seu estilo como poeta: "Ninguém consegue fugir do erro que é, do acerto que é", ou seja, o velho ditado popular: "Mais cedo ou mais tarde, tu terás de enfrentar quem tu és" aparece.

Ninguém escapa das suas verdades e das suas ficções. Cabe aos psicanalistas a tarefa – e a arte – de escutar as expressões do inconsciente, assim como conhecer as linhas de força que apartam o sujeito do seu desejo, sem esquecer de auscultar

o que vetoriza o amor – a libido, a capacidade de aposta em si mesmo, no outro e na vida – no sujeito do inconsciente que, de modo ineludível, metamorfoseia-se e revitaliza-se no encontro com o outro e com a experiência do laço e dos enlaces de amor que surgem.

O que se pretende destacar, portanto, é um necessário exercício de produção de experiências singulares, de contato com a transmissão de uma herança, com as nossas memórias primordiais e com o que está adormecido nessa obra de arte que cada ser humano porta enquanto germe e tendência. Com base na prática da artesanaria da linguagem – prática desenvolvida por poetas, crianças, "loucos" e analistas, faz-se um convite ao leitor para reimaginar um caminho de amor e de intimidade em relação ao seu estilo de amar. Tal caminho diz respeito a uma certa visita ao porão de cada um, à casa onírica, à criança que ainda se é, a fim de re-encontrar esse ambiente propício às descobertas e à fabricação de novas experiências que estimulam a vitalidade psíquica e os estilos autênticos e "errantes" de amar.

Nessa errância, o amor desponta, também como paradoxo, tendo os seus "propósitos" e os seus "despropósitos", visto que reúne simplicidade e alegria, movimento e repouso, sacralidade e profanação, "erro" e "acerto". Ao profanar o amor, a psicanálise e a poesia permitem uma recordação: temos apetite, desejo, imaginação, memória e sonho. Nas ficções amorosas que construímos todos os dias, a poetisa Cecília Meireles nos oferece, através do poema, uma luneta para olharmos em direção à lua:

### *Romantismo*

*Quem tivesse um amor, sem dúvida e sem mácula, sem antes nem depois: verdade e alegoria...*

*Ah! quem tivesse... (Mas, quem teve? quem teria?)*

### *Cecília Meireles*

Pelo "despropósito" de um amor é que estamos vivos, no abrir e fechar dos pulsos e dos pulmões, embalados por uma prosódia e orientados por uma paisagem, sempre fitando o horizonte do Romantismo: "Ah! quem tivesse...". Quem teve um amor, sonhou e inventou esse amor. Descobriu – ou ainda está para descobrir – o seu estilo de amar, assim como de escrever, de pintar, de cantar e de psicanalisar. Quem teria a coragem e a ousadia – o despropósito – de vivê-lo? Como cantou o outro poeta, o Cazuzo: "O nosso amor, a gente inventa". Que cada um e cada uma possa se distrair com o seu!





# INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: O DESENVOLVIMENTO A PARTIR DO VÍNCULO AMOROSO

NIA - Núcleo da Infância e Adolescência do ITIPOA

Psic. Aline Santos e Silva - Coord. Do Núcleo de Infância do ITIPOA

Psican. Eliane Goldstein - Docente do ITIPOA

Psican. Fátima Freitas - Coord. do curso de adolescência do ITIPOA

Psic. Milene Wolff Mühle - Docente do ITIPOA

Em 1909, Freud publica *Análise de uma fobia de um menino de 5 anos*, mais conhecido como o caso do pequeno Hans. Já na introdução, ele refere que “deve existir a possibilidade de se observar em crianças, em primeira mão e em todo frescor da vida, os impulsos e desejos sexuais que tão laboriosamente desenterramos nos adultos dentre seus próprios escombros”. Evidentemente, ele fala de sexualidade, mas também de hostilidade e, sem sombra de dúvida, seu contraponto: o amor. Este depende das capacidades emocionais desenvolvidas pela pessoa desde quando bebê e se processa ao longo de todo o desenvolvimento. Sabe-se, hoje, que as raízes do amor são duas: de um lado, a pulsão sexual, já delimitada e anunciada por Freud; por outro lado, o amor se configura e ganha forma a partir do ambiente, desde o vínculo de intimidade entre mãe e bebê. Então é a partir da maternagem, e influenciado pelas capacidades daquele que desempenha a função materna, que o amor se estabelece.

Assim, parafraseando Winnicott, “tudo começa em casa”, como um ponto de partida para a entrada do amor na vida de uma pessoa. É o ambiente familiar que cria o “alicerce” para o que está por vir e também é o espaço primordial onde a pulsão se manifestará. A vitalidade da criança, sua necessidade de experimentar, de ver, de sentir, de pegar e tocar, nos leva a pensar nas atitudes dos pais e dos cuidadores, tanto para o estabelecimento das psicopatologias, como em formas de se pensar a prevenção de doenças mentais.

Em suma, é a mãe suficientemente boa, aquela que se identifica com seu bebê e possibilita a este vivenciar uma união de dependência total, que dá o start da possibilidade de amor. Esta experiência é importantíssima para que o bebê tenha a sensação de continuidade de ser, e possa, efetivamente, existir a partir de um self tomado como verdadeiro, apto a gestos espontâneos. A primeira experiência de amor do bebê será esta, e perceber-se amado será fundamental para sua capacidade de se sentir vivo, de sentir que a vida vale a pena. Com o desenvolvimento, o bebê percebe sua existência e gradualmente percebe a existência de um outro que sobrevive a seus gestos, sejam estes amorosos ou agressivos.

A trama familiar se abre, neste ponto, com a entrada de outros protagonistas, para além de díade mãe-be-

bê: o pai, irmãos, familiares de um modo geral passam a fazer parte mais efetivamente da história e mobilizam, na agora chamada criança, pulsões e afetos das mais diferentes gamas. Espera-se que a partir do relacionamento inicial de confiança no ambiente, a criança tenha sido capaz de desenvolver uma agressividade espontânea, fonte da curiosidade e possibilidade de descoberta do mundo. Ao lidar com essa agressividade, ela poderá desenvolver sua capacidade de zelo para com o outro, primeiro o objeto inicial, mas depois expandindo-se para qualquer “outro” tornando-se possível, assim, que o amor fique investido e se faça investir na vida em geral.

As etapas de desenvolvimento se sucedem e a díade amor-hostilidade se estabelece e se manifesta de diferentes formas. Na trama edípica, tudo adquire uma tonalidade mais intensa e o “amar X odiar” passa a ser a ordem do dia. Muitas famílias se assustam nesta passagem, pois a criança, já capaz de se comunicar através da fala, passa a se manifestar mais livremente sobre seus afetos. Este é um ponto crucial do crescimento e para termos uma certa impressão que tudo vai bem com as crianças, não é necessário que sejam obedientes, educadas e passivas, mas sim que tenham nas suas expressões vivacidade, mobilidade e alegria, onde mostrem suas mímicas com o seu jeito de ser. A criança precisa brincar e viver o sonho de se transferir para o lugar desejado com a ilusão de ter realizado o inalcançável. Transitória como todo o desenvolvimento, logo essa fase se encerra com a entrada na dita latência, onde os afetos dão lugar ao trabalho de se cultivar, postergar o prazer, conter a mobilidade e aprender. A criança vai buscar o amor a partir daquilo que é capaz de produzir. Pela primeira vez no desenvolvimento, efetivamente, “se espera” algo da criança: que ela seja capaz de ir à escola e lá permanecer, ocupando seu tempo com a aprendizagem, voltando-se para outros adultos e também para seus pares de iguais, outras crianças. Isso só se torna possível se a criança desenvolveu em si a confiança e a constância que um ambiente continente/amoroso traz. Atualmente falamos do “trabalho de latência” para dar conta de todas as mudanças ocorridas neste período: a criança busca o equilíbrio pulsional. Os contos de fada e demais cenas amorosas vivenciadas dentro da família “adormecem”.



*"A família"  
Tarsila do Amaral*

A entrada em cena dos hormônios e das mudanças físicas da puberdade novamente altera esse equilíbrio atingido a duras penas. A adolescência se estabelece como um período de transformação que recapitula e reconfigura a evolução do indivíduo desde as etapas mais primitivas do desenvolvimento. O antigo e o novo, o primitivo e o atual se mesclam, resultando no surgimento de novos significados, como uma segunda oportunidade que a vida oferece de recapitular, atualizar e expandir o que já foi experimentado no desenvolvimento anterior, desde a díade mãe-bebê. Sendo assim, o indivíduo tem a oportunidade de reescrever, mais a sua maneira e dentro do possível, sua história pessoal.

Neste ir e vir do passado ao presente, a questão do amor adolescente comporta vários vértices, mas o que mais chama a atenção é o efeito, sobre o indivíduo, da carga hormonal que caracteriza a puberdade, resultando numa desconforto subjetiva que a adolescência, como um processo, terá de enfrentar e elaborar ao longo do tempo. Muitas vezes, esta etapa vem acompanhada de sentimentos de isolamento, solidão e confusão. Os sonhos da infância são "relegados" à fantasia, suas realizações tornam-se parte de um tempo onde se acreditava em heróis e princesas. Os laços afetivos que os adolescentes tiveram com seus familiares, ajudam na entrada desta nova vida. O que está por vir gera medos e excitações que marcam uma profunda transformação: a infância passou a fazer parte da história, da memória, há um passado circunscrito e um futuro de incertezas, de percalços a serem conquistados. O *après coup* atualiza aqui o que foi vivido na infância. Neste processo, o adolescente sofre com a perda dos pais da infância, com a perda do corpo infantil e das fantasias da infância. Mas

necessita desta bagagem, destas vivências, destas trocas, destes cuidadores para enfrentar suas novas possibilidades, suas novas aquisições. Precisa de um mundo endogâmico para poder trilhar caminhos exogâmicos.

Assim é que na juventude acontece, pela primeira vez fora da família, o exercício amoroso. O que até então foi adquirido, é posto à prova, fazendo com que o mundo dos contos de fadas e outras histórias infantis, que pareciam adormecidas na latência, sejam vividas no real, de uma forma intensa. A adolescência é esta época de gestões amorosas da mesma intensidade daquelas da infância, mas agora feitas a partir do afastamento de seus objetos de amor infantil, com o corpo maduro e com a primazia genital. Isso significa contabilizar os restos de amor que todas as operações anteriores deixaram pendentes, o que pode ser sofrido. Mas é justo esta incompletude que vai mobilizar toda sucessão de tentativas, de forma inaugural, alavancadas pelo desejo de se aproximar do amor. Logo, os dizeres de Freud de que o encontro amoroso é, na verdade, um reencontro com a sapiência de um gênio, comporta todo este saber.

Enfim, a pré-condição para uma boa evolução no processo da adolescência é ter tido uma passagem bem sucedida na primeira infância e na fase da latência. Num ambiente familiar facilitador e "satisfatório", para que ocorram vivências e momentos de felicidade, apoio e continência durante o seu crescimento e desenvolvimento: de bebê, a criança e adolescente, é a partir do vínculo amoroso e nas suas vicissitudes que se estabelece a ideia de alteridade e a noção de si.

Nesta etapa da vida, o jovem adolescente, experimenta a toda hora momentos de tensão e vive períodos de turbulência emocional.



## SOBRE O AMOR-CONFIANÇA

Psican. Paula Sarmento Leite  
Coord. do Núcleo Pais-Bebê do ITIPOA

*...Ir recebendo um pouco de poesia no peito...  
Invisível, deixar apenas que a emoção perdure  
Fique na nossa vida fresca e incompreensível  
Um mistério suave alisando para sempre o coração,  
Singular, tão singular...*

*Manoel de Barros*

Nos primeiríssimos momentos da vida, o amor possui uma qualidade singular, relacionada a capacidade dos pais de sustentar o amadurecimento do bebê e não ao aspecto pulsional ou erótico. Ser amado equivale a ser acolhido por um ambiente suficientemente bom e confiável, que permita o desenvolvimento da experiência de ser e existir, a mais importante aquisição em termos de subjetividade.

No início da vida, o bebê não tem existência própria, autônoma, mas uma extrema dependência da mãe ou de quem exerça essa função. Somente o amor, refere Winnicott, que a mãe sente por seu bebê, pode fazê-la sustentar a necessidade absoluta de cuidados que ele pede. A mãe, através da capacidade de se identificar com o bebê, coloca à disposição deste, seu corpo e sua mente. Essa aptidão vem da sua própria experiência de ter sido um bebê e de ter sido cuidada; através de suas memórias corporais de conforto e segurança.

A adaptação absoluta da mãe às necessidades do bebê é temporária, mas enquanto dura, implica em um envolvimento total. Neste momento, o amor materno significa suportar o estado de devoção exigido pela dependência extrema do bebê. Sendo madura, a mulher que se torna mãe não fica narcisicamente ferida por renunciar à sua vida pessoal para realizar a tarefa de cuidar do seu bebê.

As tarefas e conquistas essenciais do amadurecimento ocorrem na etapa mais primitiva da vida, durante a qual o bebê vive em estado de dependência absoluta, e depois, relativa, dos cuidados maternos. É nesse período que serão constituídas as bases fundamentais da existência, os alicerces da personalidade e da saúde psíquica. Isto ocorre por meio da resolução de três tarefas com as quais o bebê encontra-se envolvido: a integração no tempo e no espaço, o alojamento gradual da psique no corpo e o início das relações objetivas e do contato com a realidade.

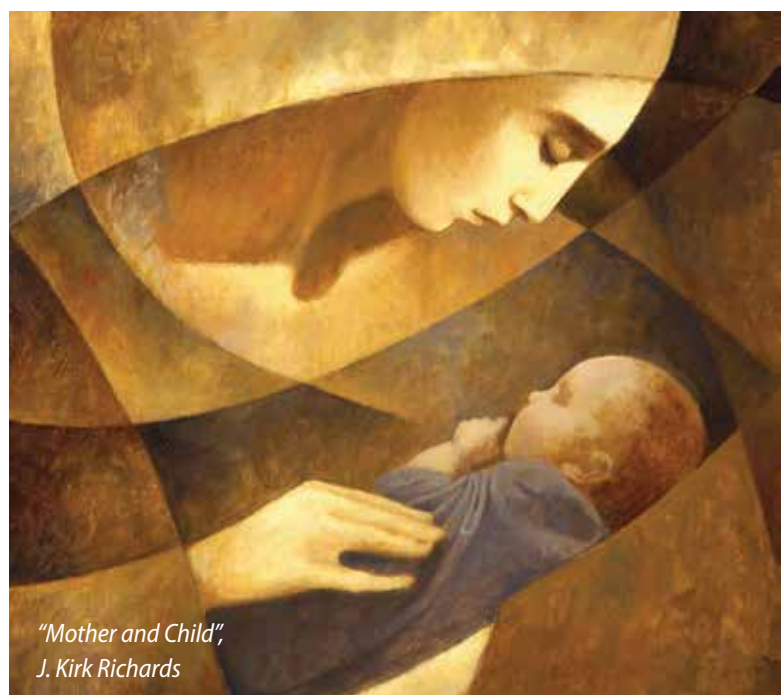
O aspecto central dos cuidados adaptativos está relacionado ao tempo. Sua característica básica é a confiabilidade, que significa previsibilidade. Um bebê que está sendo bem cuidado por seus pais é protegido de imprevistos e

rupturas da continuidade, através das rotinas e das experiências que sensivelmente se repetem no dia a dia.

Quando a mãe é “suficientemente boa”, envolvendo-se com os cuidados do bebê, cria-se um contato íntimo entre eles. Esse contato é uma forma poderosa de comunicação, que não se fundamenta no uso das palavras. A comunicação silenciosa inicial é predominantemente corporal, baseada no calor do seio, nos batimentos cardíacos, nos movimentos respiratórios, no cheiro materno, ou seja uma reciprocidade que acontece a partir da experiência física. Além disso, a mãe consegue reconhecer as necessidades do seu bebê porque está viva e é capaz de imaginação.

O bebê não ouve ou registra essa comunicação, mas os efeitos dela são expressos em termos de confiabilidade. Como a mãe é humana e não perfeita, ela comete pequenos erros e os corrige cuidando do seu bebê. São as falhas naturais da mãe, seguidas pelos cuidados que as corrigem, que acabam por constituir a comunicação de amor, assentada sobre o fato de haver ali um ser humano que se preocupa e é confiável.

Assim, podemos compreender que nos primeiros momentos da vida de um bebê, o lugar parental implica responsabilidade, no sentido da capacidade de cederem o lugar para o filho. Os pais maduros não expõem o bebê aos seus próprios impulsos, sendo capazes de se dedicar a preservar todas as condições necessárias para o amadurecimento do mesmo. O amor significa confiança e uma delicada e minuciosa sintonia, um mistério suave alisando para sempre o coração...



*“Mother and Child”,  
J. Kirk Richards*





# FALANDO SOBRE O AMOR

Psican. Mery Pomerancblum Wolff  
Diretora de Ensino do ITIPOA



*O verdadeiro amor nunca se desgasta.  
Quanto mais se dá, mais se tem.*

*Antoine de Saint-Exupéry*

O amor tem sido cantado em prosa e verso desde tempos imemoráveis. Também tem sido estudado exaustivamente por diversas ciências e desde diversos pontos de vista.

Aqui me proponho a abordá-lo a partir da minha observação na clínica, bem como na sociedade contemporânea em geral, já que num contexto pós-pós-moderno, o amor é muitas vezes concebido como um afeto transitório, fugaz e sem constância nem consistência.

A psicanálise tem se dedicado a investigar o amor, desde seu princípio. Freud o descreve como uma das pulsões centrais na constituição psíquica do ser humano que, em geral, se organizam em pares de opostos como o são o amor e o ódio. É o entremeio das pulsões que dá um colorido diferente a cada um de nós como indivíduo na busca de amar e ser amado.

Freud também inseriu o amor na situação analítica ao descrever o amor de transferência que, no plano psíquico, segundo ele, não se distingue essencialmente do amor passional. Para ele a transferência é o amor.

Meltzer, um psicanalista contemporâneo, coloca o amor no centro das relações, desde a mais precoce, que é com a mãe, o primeiro objeto de amor. Descreve de forma poética o amor que se inicia desde a concepção e irrompe no encontro do bebê com sua mãe logo após o nascimento. Considera que a devotada mãe comum é sentida pelo bebê como um objeto misterioso que desencadeia experiências sensoriais intensas, descritas como um conflito estético, despertado principalmente pelo encontro do olhar com os mamilos na amamentação. Ao mesmo tempo em que o bebê vive esta intensa experiência estética e amorosa que é capaz de construir, também percebe possuir o poder de destruí-la. A experiência amorosa acontece ao mesmo tempo em que ocorre a dor e o temor de perda do amor.

Penso que este é um modelo sobre o qual se constrói a experiência amorosa: uma vivência de sentimentos profundos, consistentes mas, ao mesmo tempo, fonte de dor, de ódio, de sofrimento e de temor pela perda do objeto amoroso. O ser humano busca insistentemente o amor verdadeiro, num resgate daquela relação inicial em que o bebê sentia-se investido narcisicamente.

A busca pelo amor verdadeiro é ainda uma necessidade inerente ao ser humano. Para que ele se sus-

tente, segundo Meltzer, é preciso que haja a capacidade de identificação introjetiva que é quando o self se apropria das qualidades boas dos objetos internos que servem apenas de inspiração, permitindo que os mesmos possam circular livremente. Quando essa busca se vê frustrada, surge a insatisfação e o desencanto com os desencontros amorosos, revelando o sofrimento psíquico causado pelo esvaziamento desta perda. Um amor maduro se constrói com doses de ternura, sexualidade, respeito mútuo e companheirismo, em uma relação de dependência natural e sadia em que um necessita do outro emocional e afetivamente.

A sociedade pós-moderna, ao mesmo tempo em que valoriza este tipo de amor, propõe que as relações afetivas sejam lábeis, fluidas e líquidas como têm sido os diferentes vínculos na atualidade, o que é um aspecto que me preocupa por ter uma vasta gama de reflexos nos indivíduos e na sociedade como um todo.

Aparentemente este modo de ligação tem sido uma característica destas últimas gerações. A profundidade tem se transformado no raso, a constância em inconstância, o vínculo profundo e comprometido em relações fugazes, pelo temor do verdadeiro encontro amoroso que pressupõe entrega, dedicação, cuidado com e pelo outro. Dentro destes padrões, o amor se transforma em uma relação rápida e transitória, sem o tempo e espaço para se desenvolver, crescer e tornar-se um sentimento seguro e mais duradouro. A sociedade atual tem pressa e, em nome dela, para dar conta das muitas demandas que surgem, abre mão de construir vínculos mais sólidos. E aqui não me refiro apenas ao amor sensual e sexual entre adultos, mas do amor materno, do amor fraterno, enfim do afeto com e sem conotações eróticas que liga pessoas diferentes através de um sentimento forte, intenso, terno ou escravizador e avassalador como só ele sabe ser. Desta forma, a paixão, tão decantada em prosa e verso, pode ser um aspecto inicial de um amor maduro e sadio, assim como pode ser um amor cego que visa apenas o domínio e o poder sobre o outro, causando sofrimento e dor ao anular a diversidade, o respeito e a consideração pelo outro, características essenciais do verdadeiro amor.

O resgate e a vivência deste amor, idealizado de certa forma, necessita de tempo para ser cultivado, de cuidado para se desenvolver e de muita dedicação para florescer e constituir um afeto profundo, que se multiplica na relação, como bem descreve Saint Exupéry na epígrafe inicial.



## ENTREVISTA

### SOBRE O AMOR: SUA GÊNESE, SUAS VICISSITUDES E AMBIGUIDADES

Psican. Angela Wirth

Coord. Científica do ITIPOA

#### Por que a comissão científica escolheu o tema do amor para a Jornada Anual 2016?

A palavra *amor* traz consigo as mais exaltadas experiências da vida humana. A sua definição é ampla, inseparável da paixão, do desejo sexual, dissolução, perda, destruição, morte, regeneração, loucura.

Essa condensação em uma palavra está a serviço de uma realização de desejo infantil que procura esquecer os contrários do amor, o ódio, a indiferença, a crueldade. A palavra *amor* tem como função apagar as diferenças de significados, que vão desde o mais trivial, o amor de sabores, cores até o mais elementar o amor à vida, passando pelo místico, amor à Deus, amor à verdade e por todos os amores terrestres, pais, filhos, irmãos, pátria, etc. e o mais frágil e íntimo, o amor sexual.

O termo também engloba todas as ideologias do amor que fundamentam convicções, crenças, ideais e justificam toda espécie de ataques e chacinas perpetrados ao longo da história da humanidade.

#### Como serão compostas as mesas da Jornada?

Freud (1915) em *Pulsões e destinos da pulsão* distingue o amor sexual, do investimento terno e do amor na acepção geral do termo. Poderíamos pensar em três componentes do amor: excitação, ideal, ternura, cada um com suas lógicas próprias.

Freud, nesse trabalho de 1915, examina as diferentes clivagens e oposições nas quais o amor participa: amar/odiar, amar/ser amado e amar

e odiar juntos em oposição ao estado de indiferença. Foi pensando nessas diferentes formas que organizamos as três mesas da jornada.

Eros, o deus do amor, é visto como a força fundamental do mundo, que assegura a coesão e a continuidade das espécies. Iniciaremos com a mesa *Eros e Thanatus: Amor, Ódio e Indiferença*, na qual abordaremos a clivagem, a ambivalência, o contraponto entre amor, ódio e indiferença. Eros, o deus do amor, é visto como a força fundamental do mundo, que assegura a coesão e a continuidade das espécies.

A segunda mesa será *As Buscas de Eros: Amar e Ser Amado*. Aqui buscaremos abordar as diferenças, especialmente como se constrói a capacidade de amar desde a primeira relação humana, mãe-bebê.

A arte nos fornece uma representação do amor, no que é sublime e cruel, obtida pela intuição. Encerraremos a Jornada com a mesa: *O Amor e a Busca de Representação: Literatura e Psicanálise dois caminhos possíveis*. **O amor é tema central de todas as artes, da literatura ao cinema, passando pelas artes plásticas e musicais. De que forma a intersecção entre arte e psicanálise pode auxiliar na compreensão de um sentimento como o amor?**

Os artistas conseguem representar a natureza do humano, dão voz, cor, forma ao que passa no interior da alma/psiquê/emoções humanas. A psicanálise por sua vez é a ciência que se ocupa do psiquismo, sua construção e funcionamento.

Freud transitava entre a clínica e a arte de uma forma surpreendente. O criador da psicanálise foi um leitor voraz e a literatura sem dúvida influenciou sua obra. Podemos observar o uso que ele faz da obra de Shakespeare. Ele, assim como Freud, mergulhou na exploração da alma humana e dos seus conflitos, tumultos, fantasmas, loucuras. Hoje, 500 anos após sua morte, sua obra nos toca por falar de algo que é universal e atemporal, a essência humana. Freud não somente o leu, como o citou inúmeras vezes ao longo da vida e obra.

Pensando na intersecção entre arte e psicanálise, convidamos um escritor para nos trazer a sua experiência.

**O romantismo, cujo marco inicial é Werther, de Goethe, colocou o amor no centro da literatura, porém trata-se de um amor platônico e visceral, o que se vê muito pouco na literatura contemporânea. Será que hoje em dia nós amamos menos?**

Não, hoje as formas de representar o amor são diferentes, mas na sua essência a natureza humana segue a mesma. Os escritores estão inseridos no meio sociocultural de sua época. O que vemos na literatura tem a ver com esses aspectos. Por exemplo, a repressão da sexualidade não é a mesma da época de Freud. Ao contrário, ela, a sexualidade, está demasiadamente manifesta. Observamos a necessidade de prazer imediato, pouca tolerância ao desprazer, ao lado de uma desvalorização das relações afetivas estáveis.

Se na época de Freud os conflitos

giravam em torno da repressão da sexualidade, hoje o sofrimento se relaciona com a inibição das relações de amor, com a depressão, a solidão e o vazio existencial.

**É reconhecido que Freud era um grande apreciador de Goethe e Schiller. Assim, é possível que o amor romântico tenha influenciado a sua obra?**

Sim e não, explico. Freud interagiu com a obra que lia. Goethe foi tão citado por Freud quanto Shakespeare. Os interesses científicos de Goethe reverberam na obra de Freud. As referências a Goethe também estão em textos técnicos, onde um pensamento poético se alia a um pensamento metapsicológico.

Schiller foi outro autor do romantismo alemão apreciado por Freud. Ele o chamava de poeta-filósofo. Em *O Mal-estar na Civilização*, Freud reconhece: “No completo desnorтеio inicial, uma frase do poeta-filósofo Schiller, segundo a qual ‘fome e amor’ sustentam a máquina do mundo, forneceu-me um ponto de partida.”

Mas, como adverte Green, Freud não aderiu ao romantismo, rompeu com ele através da sua concepção de Eros. Para Freud as pulsões estão intimamente ligadas ao corpo, a unidade somatopsíquica. Eros é a entidade teórica que engloba todas as pulsões que não fazem parte das pulsões de destruição; sua função é a ligação, a unificação, a conservação.

**Dentro da relação psicanalítica, é possível dizer que a transferência é uma espécie de apaixonamento?**

Sim, o motor da ação analítica é a transferência, ela é o elo de liga-

ção. O amor está no centro da experiência psicanalítica desde o início da sua descoberta pela relação transferência/contratransferência. A relação transferencial constitui o cerne da relação analítica.

A constituição do psiquismo é o produto do encontro entre a pulsão e o outro, mãe-bebê e, na análise, o encontro entre paciente e analista.

**Sobre a relação amor/ódio/indiferença, como a psicanálise enxerga estes termos?**

Entre o amor e o ódio existe uma conexão com o objeto/outro. Amor e ódio se apresentam como diferentes em relação ao conteúdo, mas não provém da clivagem de um objeto. As origens diferem, mas ambos estão influenciados e têm o seu desenvolvimento relacionado ao prazer – desprazer. O ódio é a exteriorização de uma relação de desprazer. O amor se manifesta de forma ambivalente. Quando se rompe uma relação de amor, o ódio, em geral, toma o lugar do amor, dessa forma mantém a relação com o objeto.

Na indiferença, não existe relação com o objeto.

**De acordo com a teoria de Freud, qual seria a diferença fundamental entre amor e paixão?**

Segundo o dicionário Internacional de Psicanálise, dá-se o nome de paixão ao abandono do Eu a um objeto (pessoa, coisa ou ideias abstratas) que tomam o lugar do Ideal do Eu. É uma relação de alienação em que o objeto do desejo se converteu em objeto da necessidade. Para Freud, seria uma exacerbação do estado amoroso. Ele distinguiu três formas

de paixão: a que deriva do estado amoroso, a que corresponde ao investimento de uma atividade sublimada e aquela que se aparenta mais ao ódio que ao amor. No tocante à paixão amorosa, Freud diz em 1921, em *Psicologia de Grupo e Análise do Eu*, é o grau de idealização do objeto e o empobrecimento do Eu, que determina a submissão do sujeito ao outro. A paixão, diz Freud, é uma loucura que dura pouco tempo, a pessoa coloca toda sua libido na obtenção dessa satisfação que esse *ideal* lhe proporcionaria. Se perde o *ideal* surge o vazio, a depressão. Na paixão, há uma submissão total, a pessoa se entrega diretamente à decisão do outro. No amor, o indivíduo conserva a possibilidade de não se misturar com o outro, de existir.

**Por fim, o que o público pode esperar da Jornada Anual ITIPOA 2016?**

Desejamos proporcionar uma reflexão sobre o lugar do amor na teoria, na técnica e prática analítica nos dias de hoje. A comissão científica espera que a Jornada seja um espaço/contenente de pensamentos e questionamentos sobre o amor.

A proposta da Jornada é refletir sobre os diversos significados da palavra amor. O que é necessário para amar na vida? Como se constrói a capacidade de amar? O que no método analítico está relacionado a isso? Devemos entender o amor em relação as suas primeiras e mais primitivas raízes? Ou na relação inicial com o outro? Ou devemos tomar como ponto de partida a experiência do adulto? Essas são algumas questões a serem pensadas.



# CULTURA E PSICANÁLISE

## O FAROL (THE LIGHTHOUSE)

Gênero: Animação

Direção: Po Chou Chi

As relações familiares são essenciais no desenvolvimento do ser humano. Mãe e pai são os primeiros objetos com os quais o bebê vai se relacionar e interagir, sendo o olhar constituinte do psiquismo e subjetividade humana. A presença do pai é fundamental, desde o início, amparando a mãe e gradualmente, inserindo-se como o terceiro nesta relação.

A animação de 2010 do autor Po Chou Chi trata da relação do pai com seu filho, desde a infância até a fase adulta. O filho parte de barco, sob o olhar de aprovação do pai, sempre retornando ao seu encontro.

Os personagens do curta mostram o que acontece quando tudo transcorre bem no desenvolvimento humano. Pai e filho emocionam ao demonstrar, sem precisar sequer pronunciar uma palavra, o olhar que valida o gesto espontâneo da criança, capacitando-a a ir para o mundo, em busca de crescimento e conquistas.

As partidas são acompanhadas pelos olhos atentos do pai. Orgulha-se das conquistas do filho, ainda que este, cada vez menos, precise da ajuda de seu "velho pai". Já aprendeu a navegar sozinho; tornou-se homem com recursos suficientes (bússola, velas, mapas sofisticados) para enfrentar possíveis tempestades que virá a encontrar em seu caminho, com a permissão do pai para desbravar novos continentes.

O relógio da vida está andando: o bebê passa a ser criança, adolescente, adulto. À medida que cresce, conquista novas potencialidades: os barcos do menino vão se mostrando mais sofisticados e elaborados, uma alusão ao desenvolvimento e crescimento subjetivo e psíquico.

As diferenças entre as gerações são inevitáveis: o filho desenvolve-se aos olhos do pai e este vai envelhecendo. Porém, aquilo que se mostra sólido desde o início permanece até o fim (começam e terminam juntos tocando piano, como a musicalidade que embala a vida e as gerações futuras).

A partida entristece e alegra o pai (ambivalência humana), pois perde seu menininho para o homem que ali vem a desabrochar. Notamos quanto o amor é capaz de prover vida e coragem para que seja possível seguir em frente.

O amor possibilita o crescimento do filho, ainda que isto o faça partir para poder (re)começar outras histórias e



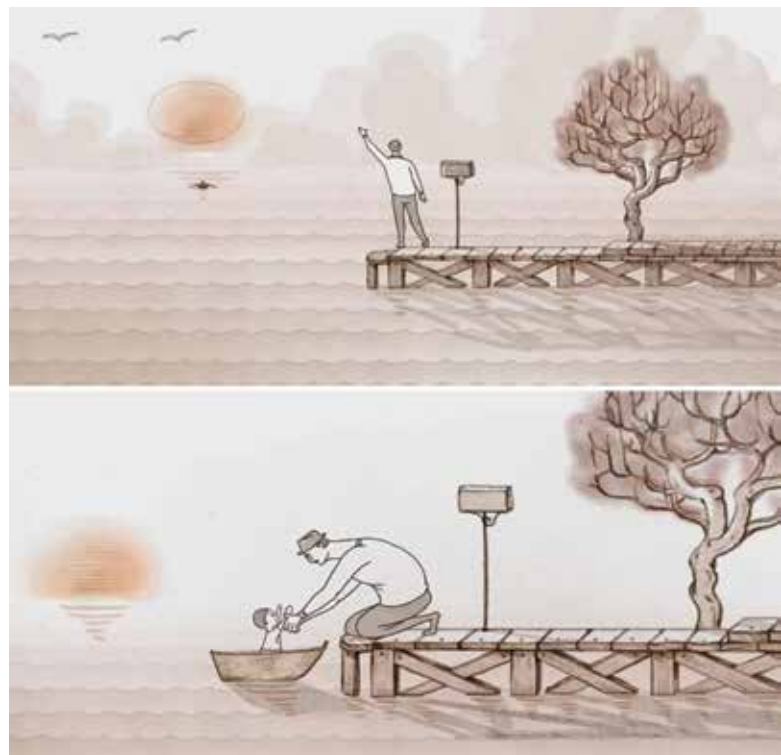
FILME

narrativas. Partidas: misto de alegria e dor. Pensamos que uma separação é possível para quem estabeleceu uma ligação forte. Desta forma, pode-se ir e se tem para onde voltar. Os laços não se perdem apesar do distanciamento.

Na vida, assim como no curta, geralmente tudo termina como começa: pai e filho juntos, começando, recomeçando, aprendendo e ensinando. Legado transgeracional de amor e cuidado. Este sim, imortal. O pai segue vivo no filho, no neto, no bisneto...

Por fim, no poema intitulado *Eternidade*, de Ronaldo Cunha Lima, encontramos em palavras o que tão lindamente foi mostrado em gestos, olhares e toques pelos personagens:

*"Quando os meus filhos  
disserem aos meus netos  
o quanto eu os amava;  
e quando os meus netos  
disserem aos meus filhos  
que guardam lembranças minhas  
e de mim sentem saudade,  
não terei morrido nunca: serei eternidade!"*



Psic. Ana Claudia Moraes

Diretora do Ambulatório do ITIPOA

Psic. Aline Del Mauro

Membro do Núcleo de Graduados do ITIPOA

Psic. Flora Motta

Aluna do curso de especialização em psicoterapia psicanalítica de adultos do ITIPOA

## BEIJE-ME ONDE O SOL NÃO ALCANÇA

Editora: Planeta do Brasil  
 Autora: Mary Del Priore

A carioca Mery Del Priore é uma das maiores historiadoras brasileiras. Especialista em história do Brasil, já escreveu sobre temas diversos como religião, erotismo, a história das crianças e das mulheres de nosso país. “Beije-me...” é seu romance de estreia e narra um triângulo amoroso no século XIX entre um conde russo, a herdeira de um barão do café do Vale do Paraíba e uma ex-escrava. Unindo esta trama, somos conduzidos por paixões, tragédias, a moral hipócrita de uma época, grandes fortunas, falências, derrocadas. Neste romance, que parte de fatos e personagens verídicos, Del Priore cria uma narrativa que prende o leitor desde a primeira página. O olhar da historiadora faz um retrato vivo do tempo e dos acontecimentos que o marcaram, mas é a história de amor que, por fim, arrebatou os leitores.



LIVRO



Psic. Luis Augusto Roncato  
 Docente do ITIPOA

## TRUMAN

Gênero: Comédia Dramática  
 Direção: Ces Gay

Dois amigos de infância que moram em países diferentes se reencontram quando um deles tem uma doença terminal. Nos 4 dias que passam juntos, Tomás (visitante) acompanha Julian em todas as decisões que este precisa tomar, desde pagar seu funeral até encontrar um lugar para deixar seu cão, Truman. O filme nos coloca diante de emoções intensas de amizade, solidão, despedida e morte. A capacidade de empatia, todo tempo vivenciada no filme, demonstrada pelo respeito do amigo visitante, talvez seja o passaporte mais importante para o amor.



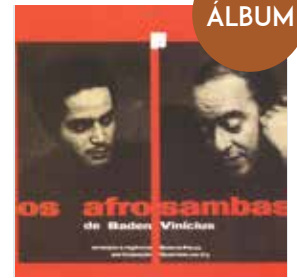
FILME



Psican. Beatriz Chwartzmann  
 Vice-presidente do ITIPOA

## OS AFRO-SAMBAS

Artistas: Baden Powell,  
 Vinicius de Moraes,  
 Coral Unifesp  
 Lançamento: 1966  
 Gravadora: Mercury Records



ÁLBUM

Quando a musicalidade de Baden Powell e a sensibilidade lírica de Vinicius de Moraes se unem, o resultado não poderia ser outro se não um dos mais conceituados álbuns da música popular brasileira. *Os Afro-sambas*, lançado em 1966, é o resultado da imersão do músico e do poeta na cultura do candomblé e do terreiro. Um mergulho no ritmo balanceado de matriz africana e também nos singulares personagens desse rico universo. *Canto de Ossanha*, de *Xangô*, de *Iemanjá* e *Lamento de Exu* são algumas das faixas de um álbum cuja temática central é o amor, mais especificamente, o inescapável sofrimento amoroso. É uma poesia agridoce, pois ao mesmo tempo que expressa a inevitabilidade do sofrer, também canta a pulsão de vida presente na angústia, “Pergunte para o seu orixá, o amor só é bom se doer”, canta-nos Baden. Na penúltima faixa, intitulada *Tempo de Amor*, uma das pérolas do disco, Baden e Vinicius expressam de forma magistral esta curiosa dicotomia e, assim, inscrevem *Os Afro-sambas* dentre os mais importantes discos da nossa MPB:

“Ah, bem melhor seria  
 Poder viver em paz  
 Sem ter que sofrer  
 Sem ter que chorar  
 Sem ter que querer  
 Sem ter que se dar

Mas tem que sofrer  
 Mas tem que chorar  
 Mas tem que querer  
 Pra poder amar

Ah, mundo enganador  
 Paz não quer mais dizer amor”



Henrique Santos Cardoni  
 Jornalista Colaborador do ITIPOA



# ACONTECEU

Desde a edição de nossa primeira Revista, em agosto de 2015, o ITIPOA realizou uma série de eventos científicos visando difundir ideias com a comunidade, estudantes e profissionais interessados em aprofundar conhecimentos, dentro de um referencial psicanalítico. Abaixo alguns dos eventos.



A presidente do Instituto de Terapias Integradas de Porto Alegre (ITIPOA), médica e psicanalista, **Ivanosca Martini**, participou do evento *"Humanizando o concreto – a primeira casa de todos nós"* no projeto Vidas em Construção do SINDUSCON.

A festa de final de ano do ITIPOA aconteceu em clima alegre e festivo, com discursos que contemplaram literatura e poesia. Durante a festa, foram realizadas as cerimônias de formatura do curso de Especialização em Psicoterapia de Adultos, que teve como paraninfa a psicanalista Elusa Enck e do curso de Especialização na Teoria e Técnica da Relação Pais-Bebê, cujas formandas optaram por homenagear todos professores que conduziram seminários ao longo do curso.



Formandos do curso de Especialização em Psicoterapia de Adultos: Rachel Rubin, Marllon Leal, Paraninfa Elusa Nardino Enck, Bruno Torri de Pinto, Fabrício Marchior, Aline de Souza del Mauro e Patrícia Stefani



Formandas do Curso de Especialização na Teoria e Técnica da Relação Pais-Bebê: Fabiana Taques, Paula Mousquer, Ana Cristina Alves de Alves e Carla Kras Borges

**Os Cursos breves acontecem ao longo do ano. Abaixo o registro de alguns deles.**



Oficina dos Sentidos Coordenada pelas psicólogas Katia Hoffmann de Abreu, Ana Cláudia Moraes e Fabiola Bombardelli



*"Reconhecendo as Marcas do Primitivo no Adulto – Princípios da Técnica"* – Psicanalista Ivanosca Martini



*"Uma Introdução a Psicanálise a partir de Freud"* – Psicanalista Marli Bergel



III Simpósio do Núcleo Pais-Bebê Ambiente: Vínculo e Constituição Psíquica que aconteceu nos dias 1 e 2 de julho de 2016





## ESTÁGIO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Psic. Cristina Saboya  
Coord. do Estágio de Clínica

Ao escrever para essa edição, fui imediatamente inspirada pela Jornada do ITIPOA *Sobre o Amor*.

O amor certamente inspira, agrega e dá sentido. É investimento e continuidade. Por isso, destaco quanta dedicação é necessária para um estagiário de clínica. Um ano de contínua atenção para aquilo que ocorre dentro e fora de si. De apostar mesmo quando alguns tratamentos são prematuramente interrompidos, da incompreensão, da solicitação muito particular feita por pacientes em terapia, de encontros com realidades por vezes tão diversas e até perturbadoras.

Preparar-se para receber pessoas que padecem

(muitas vezes por falta de amor) é uma tarefa intensa e ao mesmo tempo delicada. E o amor, com tudo que ele representa, ajuda nesse processo.

Mas não é só de estagiários que se faz o estágio. Nossa equipe de professores, supervisores, monitores e triadores, “nos bastidores” se envolve e se dedica de forma ímpar para que os processos se desenrolem da melhor forma possível.

Finalizo mencionando mais uma face do amor: a gratidão. Obrigada a todos que vêm participando há tantos anos desta história no ITIPOA. Que tenhamos ainda muito tempo de trabalho profícuo à nossa frente!



## ESTÁGIO EM PSICOPATOLOGIA

Psic. Mara Buchon Brum  
Coord. do Estágio de Psicopatologia

*“Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.”*  
Manoel de Barros

No estágio de psicopatologia do Instituto de Terapias Integradas de Porto Alegre buscamos integrar a clínica com a patologia sem perder de vista a aproximação afetiva e sensível com o sofrimento humano. Necessitamos, portanto, de algo que possa ser medido “pelo encantamento que a coisa produza em nós”.

A atividade realizada na sala de espelho busca familiarizar o estagiário com o atendimento de triagem, possibilitando um aprendizado pela observação dos supervisores e, posteriormente, envolvendo o próprio estagiário. Como ensina Winnicott, o crescimento pleno se dá pela disponibilidade de um ambiente suficientemente apto a acolher as necessidades e dificuldades e, gradualmente, permitir uma autonomia cada vez maior em direção à singularidade. Tal ambiente é proporcionado ao estagiário que busca iniciar sua formação em nossa instituição.



## ATENDIMENTO AMBULATORIAL

Psic. Ana Claudia Moraes  
Diretora do Ambulatório do ITIPOA

Sofrimentos psicológicos podem desenvolver-se ao longo da vida de uma pessoa por diversos motivos. Assim, a busca por auxílio começa pelo processo de conscientização de suas dificuldades.

Compreendemos que a procura por atendimento psicológico se faz em um momento delicado da vida de um indivíduo e, dessa forma, o ITIPOA oferece um ambiente de acolhimento apropriado a todos. E esse cuidado está presente desde o primeiro contato, da marcação da triagem até o início do tratamento.

A equipe ITIPOA acompanha com sensibilidade todas as faixas etárias, desde gestantes, pais-bebês, crianças, adolescentes, adultos e adultos maduros, oferecendo o melhor encaminhamento para cada situação.

Os honorários são acertados de acordo com a renda familiar, proporcionando maior acesso ao tratamento.

Nosso ambulatório está há mais de 20 anos em funcionamento e conta com uma vasta procura por parte da comunidade em geral. Para facilitar o encaminhamento de pacientes, dispomos de convênios com neurologistas, psiquiatras, fonoaudióloga e avaliação neuropsicológica nos casos em que o tratamento com esses profissionais se faz oportuno.

Também temos convênio com o Centro de Promoção da Infância e da Juventude (CPIJ), DCE da PUCRS, Fundação de Proteção Especial do Rio Grande do Sul e Serviço de Atendimento Familiar Instituição de Educação, Cultura e Esporte Maria de Nazaré (IEMAN).

## ○ ITI OFERECE:

### ESPECIALIZAÇÃO

- Especialização em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica - Adultos
  - Especialização em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica da Adolescência
  - Especialização em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica da Infância
  - Especialização na Teoria e Técnica de Intervenção da Relação Pais-Bebê
- Os Cursos de Especialização do ITIPOA habilitam os profissionais à prática da Psicoterapia Psicanalítica.

### CURSOS BREVES

- Olhando o Bebê através da Mãe: O que envolve este encontro?
- Técnica de Psicoterapia Psicanalítica para Iniciantes
- Os Contos de Fadas na Constituição do Psiquismo
- Cine ITIPOA: A Clínica em Cena 2ª Edição
- Contribuições de D. Meltzer à Psicanálise Contemporânea
- Transtorno de Humor Bipolar: Sob o Prisma Psiquiátrico

### GRUPOS DE ESTUDO

- Obra de Freud (Exclusivo Público Interno)
- Introdução aos Conceitos Freudianos
- Introdução ao Pensamento de D. Winnicott



Instituto de  
Terapias Integradas  
de Porto Alegre

Ensino, Pesquisa e Atendimento em Saúde Mental